



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES

CURSO DE ENFERMAGEM

**CONHECIMENTO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM
RELAÇÃO A INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

Stefanie Scalabrin

Lajeado/RS, novembro de 2023

Stefanie Scalabrin

CONHECIMENTO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM RELAÇÃO A INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Artigo apresentado no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Enfermagem, da Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Enfermagem.

Orientadora: Dra. Paula Michele Lohmann

Stefanie Scalabrin

CONHECIMENTO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM RELAÇÃO A INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

A Banca examinadora abaixo aprova o Artigo apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem:

Prof. Dra. Paula Michele Lohmann - Orientadora
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Prof. Dra. Eliane Lavall
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Ana Luisa Freitag
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Lajeado/RS, novembro de 2023

CONHECIMENTO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM RELAÇÃO A INFECCÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Knowledge of university students regarding sexually transmitted infections

Conocimientos de los estudiantes universitarios sobre las infecciones de transmisión sexual

Recebido: 00/01/2022 | Revisado: 00/01/2022 | Aceitado: 00/01/2022 | Publicado: 00/01/2022

Stefanie Scalabrin

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0386-7265>
Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES, Brasil
E-mail: stefanie.scalabrin@universo.univates.br

Paula Michele Lohmann

ORCID:
<https://orcid.org/0000-002-8429-9155>
Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES,
Brasil
E-mail: paulalohmann@univates.br

Eliane Lavall

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6439-2117>
Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES,
Brasil
E-mail: eliane.lavall@univates.br

Resumo

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) ainda são um tabu em toda a sociedade, especialmente no Brasil, pois pouco se ouve falar em educação sexual, sendo ainda visto como um assunto de mau entendimento e preconceito. Este estudo tem por objetivo caracterizar o conhecimento, as medidas de prevenção e as ações de promoção à saúde sobre as IST em estudantes universitários de uma instituição privada do interior do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma pesquisa transversal, exploratória e descritiva, com abordagem quali-quantitativa. Foram entrevistados 102 estudantes universitários. Os principais resultados foram estudantes com idade de 18 a 22 anos, a maior parte das respostas foram de universitários do gênero feminino, com 86,3%. A maior parte diz ter conhecimento sobre as ISTs e 66,7% dos participantes da pesquisa já realizaram testes rápidos para detecção de IST. Concluímos por meio da pesquisa que foi possível endossar a importância e relevância de pesquisar o conhecimento dos estudantes sobre as formas de transmissão e prevenção das IST, e a partir dessa análise possibilitar o delineamento de estratégias que possam ser utilizadas pelos cursos da área da saúde para promoção da saúde dos estudantes e prevenção destes agravos. O aumento dos índices de ISTs está relacionado com a falta de conhecimento em relação à importância do uso do preservativo em relação a transmissão das ISTs. Diante do exposto, a vulnerabilidade do público juvenil é relativamente ligada com falta de debates sobre sexualidade e a prevenção de ISTs no âmbito universitário, uma vez que deveriam destinar maior atenção a essa área desde o ensino básico até a educação superior. Portanto, sugere-se o preparo de educadores para serem inseridos nas universidades

com o intuito de estar aberto a conversações. Por fim percebe-se que nem todos os jovens tem conhecimento em relação às formas de transmissão das ISTs, e os que têm conhecimento muitas vezes não fazem o uso do método de prevenção (preservativos), pois não sabem o real impacto que gera na vida do indivíduo ao contrair uma infecção sexualmente transmissível.

Palavras-chave: Educação para a Saúde; Infecções Sexualmente Transmissíveis; Jovens.

Abstract

Sexually transmitted infections (STIs) are still a taboo throughout society, especially in Brazil, as little is heard about sexual education, and it is still seen as a subject of misunderstanding and prejudice. This study aims to characterize the knowledge, prevention measures and health promotion actions on STIs in university students at a private institution in the interior of the state of Rio Grande do Sul. This is a cross-sectional, exploratory and descriptive, with a qualitative-quantitative approach. 102 university students were interviewed. The main results were students aged 18 to 22, the majority of responses were from female university students, with 86.3%. Most say they are aware of STIs and 66.7% of survey participants have already taken rapid tests to detect STIs. We concluded through the research that it was possible to endorse the importance and relevance of researching students' knowledge about the forms of transmission and prevention of STIs, and from this analysis enable the design of strategies that can be used by health courses to promoting student health and preventing these diseases. The increase in STI rates is related to the lack of knowledge regarding the importance of condom use in relation to the transmission of STIs. In view of the above, the vulnerability of young people is relatively linked to the lack of debates about sexuality and the prevention of STIs at the university level, as greater attention should be paid to this area from basic education to higher education. Therefore, it is suggested that educators be prepared to be inserted in universities with the aim of being open to conversations. Finally, it is clear that not all young people are aware of the ways in which STIs are transmitted, and those who are aware often do not use the prevention method (condoms), as they do not know the real impact it has on their lives. of the individual when contracting a sexually transmitted infection.

Keywords: Health Education; Sexually Transmitted Infections; Young people.

Resumen

Las infecciones de transmisión sexual (ITS) siguen siendo un tabú en toda la sociedad, especialmente en Brasil, ya que se habla poco sobre educación sexual y todavía se considera un tema de incomprensión y prejuicios. Este estudio tiene como objetivo caracterizar los conocimientos, medidas de prevención y acciones de promoción de la salud sobre las ITS en estudiantes universitarios de una institución privada del interior del estado de Rio Grande do Sul. Se trata de un estudio transversal, exploratorio y descriptivo, con enfoque cualitativo. enfoque cuantitativo. Se entrevistó a 102 estudiantes universitarios. Los principales resultados fueron estudiantes de 18 a 22 años, la mayoría de respuestas fueron de estudiantes universitarias, con un 86,3%. La mayoría dice conocer las ITS y el 66,7% de los participantes en la encuesta ya se han realizado pruebas rápidas para detectar ITS. Concluimos a través de la investigación que fue posible refrendar la importancia y relevancia de investigar el conocimiento de los estudiantes sobre las formas de transmisión y prevención de las ITS, y a partir de este análisis posibilitar el diseño de estrategias que puedan ser utilizadas por las carreras de salud para promover la salud de los estudiantes. y prevenir estas enfermedades. El aumento de las tasas de ITS está relacionado con el desconocimiento sobre la importancia del uso del condón en relación con la transmisión de ITS. Teniendo en cuenta lo anterior, la vulnerabilidad de los jóvenes está relativamente ligada a la falta de debates sobre la sexualidad y la prevención de las ITS en el nivel

universitario, debiendo prestarse mayor atención a este ámbito desde la educación básica hasta la educación superior. Por ello, se sugiere que los educadores estén preparados para insertarse en las universidades con el objetivo de estar abiertos a las conversaciones. Finalmente, es claro que no todos los jóvenes conocen las formas en que se transmiten las ITS, y quienes sí lo saben muchas veces no utilizan el método de prevención (condón), al desconocer el impacto real que tiene en sus vidas. .del individuo al contraer una infección de transmisión sexual.

Palabras clave: Educación para la salud; Infecciones De Transmisión Sexual; Gente jovem.

1. Introdução

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2019), as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) estão entre os problemas de saúde pública mais comuns em todo o mundo, segundo o órgão há mais de 1 milhão de novos casos de IST curáveis entre pessoas de 15 a 49 anos, com uma estimativa de 376 milhões de casos novos por ano, sendo as quatro infecções – clamídia, gonorreia, tricomoníase e sífilis.

As ISTs são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, transmitidos principalmente no contato sexual, (oral, vaginal, anal), sem uso de preservativos, com uma pessoa que esteja infectada. Algumas ISTs podem não apresentar sintomas, tanto no homem quanto na mulher (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Consideradas um problema de saúde pública, as IST são comuns no mundo todo, como dito acima, e além de afetar a saúde, afeta a vida dos indivíduos, ocasionando um impacto importante sobre a saúde reprodutiva de homens e mulheres, bem como na saúde infantil, contribuem para a infertilidade, complicações durante a gravidez e parto, e propiciam a transmissão sexual do vírus da imunodeficiência humana (*human immunodeficiency virus*, HIV); e, em casos extremos, podem levar à morte fetal (OMS, 2016).

Segundo o Ministério de Saúde (MS, 2006), dentre as ISTs presentes, é possível destacar a infecção por, Gonorreia, Clamídia, Papilomavírus Humano (HPV), pelo Vírus do Herpes Genital, Hepatite B (HBV), Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), Sífilis, entre outras. As ISTs encontram-se em nosso meio desde antiguidade, onde reinava a depravação, sendo este um dos relevantes para o surgimento delas. Conforme os estudos do Ministério da Saúde (MS, 2014) os jovens são a parte da população mais exposta a essas doenças, em função da descoberta e começo sexual, ocasião em que praticam sexo periculoso, ficando suscetíveis a infecções sexualmente transmissíveis.

De acordo com um estudo brasileiro realizado por Jardim (2013) acerca do conhecimento e o uso de preservativos por adolescentes comprovou que os jovens tendem a não fazer uso deste meio, e geralmente, não têm o costume de levar o preservativo nos encontros, acreditando que o seu uso delimita o prazer sexual. Segundo Padilha (2015), a falta de conhecimento a respeito das infecções e a falta de diálogo sobre o assunto são apontados pelos jovens como fatores que contribuem para a não adoção do preservativo nos contatos sexuais.

Conforme Theobald (2012) os pais, as instituições de ensino e os profissionais de saúde devem estar atentos às características individuais dos jovens, para fornecer recursos necessários, mantendo-os informados e orientados a respeito das ISTs, com o propósito de reduzir comportamentos de risco. No mesmo sentido Fonte et al (2018) refere que a articulação entre os serviços de saúde e as universidades ainda é precária, e poderia ser minimizado caso o decreto interministerial (saúde e educação) que instituiu o Programa Saúde nas Escolas (PSE) fosse estendido para educação superior no país, contudo ficou restrito à educação básica.

Em relação às atividades de saúde para os jovens universitários ou são realizadas pelas próprias instituições, através de projetos de pesquisa ou extensão, ou cabe ao próprio jovem buscar acesso na rede de saúde local. Destaca-se que no campo da prevenção as atividades de educação em saúde são imprescindíveis. Portanto, a vulnerabilidade de jovens às IST, no ambiente universitário, o baixo conhecimento que possuem em relação às IST e a falta de uma política pública voltada às demandas dos jovens universitários, pretende-se avaliar a relação entre os aspectos sociais de jovens universitários e o conhecimento relacionado às formas de propagação das infecções sexualmente transmissíveis. O conhecimento acerca das ISTs pode ser considerado um registro para a introdução de atividades respectivas à educação em saúde dessa população (ABIODUN O, 2014).

Diante ao exposto, o objetivo do estudo é caracterizar o conhecimento, as medidas de prevenção e as ações de promoção à saúde sobre as ISTs em estudantes universitários de uma instituição privada do interior do estado do Rio Grande do Sul.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo do tipo transversal, exploratório e descritivo, com abordagem quali-quantitativa. De acordo com Denzin e Lincoln (2006) a abordagem da pesquisa qualitativa é de forma interpretativa sobre o mundo, significa que os pesquisadores estudam em seus cenários naturais, na perspectiva de entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes conferem. Ainda assim, Vieira e Zouain (2005) referem que esse tipo de pesquisa prima pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

Para Gil (2008), o objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um determinado assunto ainda pouco explorado ou conhecido. Esse tipo de pesquisa, na maioria das vezes ocorre por meio de entrevista com pessoas que tiveram vivências práticas com problemas semelhantes ou análise de exemplos análogos que podem estimular a compreensão. Em relação à pesquisa descritiva, para Triviños (2008), têm por objetivo descrever de forma criteriosa fatos e fenômenos de determinada realidade, com intuito de obter informações a respeito daquilo que já se definiu como problema a ser investigado.

Para responder à questão do presente estudo, a coleta de dados foi realizada com estudantes de graduação de uma universidade privada localizada no interior do Estado do Rio Grande do Sul (RS) de diferentes áreas do conhecimento, a universidade oferece os cursos de graduação em Administração, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Comércio Exterior, Design, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Ambiental, Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Civil, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Computação, Engenharia de Controle e Automação, Engenharia de Produção, Engenharia de Software, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Estética e Cosmética, Farmácia, Fisioterapia, Fotografia, História, Jornalismo, Letras, Medicina, Nutrição, Odontologia, Pedagogia, Psicologia, Publicidade e Propaganda, Química Industrial, Relações Internacionais e Sistemas de Informação (UNIVATES, 2023, texto digital).

A amostra foi composta por 102 estudantes matriculados no semestre 2023/B, período da realização da pesquisa. A amostra foi calculada tendo como uma estimativa 3400 estudantes matriculados no primeiro semestre de 2023 nos cursos de graduação oferecidos pela instituição, considerando 5% destes participantes do estudo, estaria representado por 170 estudantes porém não alcançamos esta amostra. Consideramos e utilizamos a terminologia jovens, com base no Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) são considerados jovens aqueles que possuem idade entre 15 e 29

anos. Porém, nesse estudo não serão incluídos os estudantes com idade inferior a 18 anos, devido a questões legais que exigem o consentimento dos responsáveis para a participação em pesquisas envolvendo seres humanos.

Como critérios de inclusão foram os estudantes de ambos os sexos, regularmente matriculados na instituição, nos diferentes cursos de graduação, com idade superior a 18 anos. E excluídos do estudo estudantes com idade superior a 40 anos, não devolução do instrumento de coleta de dados ou não ter preenchimento de uma ou mais páginas do mesmo.

O projeto foi inicialmente encaminhado para a Pró-reitoria de ensino da Universidade para apreciação e aprovação, bem como a aluna abriu um protocolo para a solicitação da anuência institucional, por meio deste um setor específico de acesso aos estudantes ficou responsável pelo envio do link do Google Forms para a participação dos estudantes. Além disso, a professora orientadora enviou aos demais coordenadores de curso um email solicitando o auxílio na divulgação do estudo.

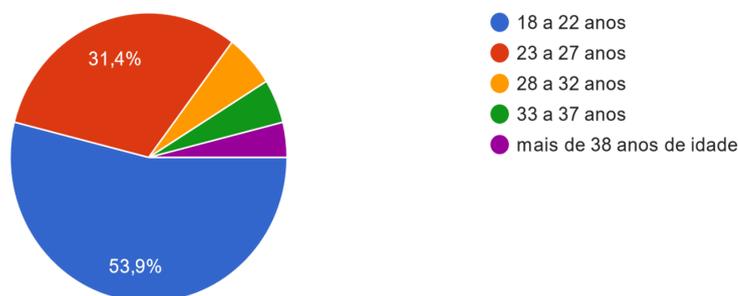
A coleta de dados foi realizada nos meses de setembro a outubro de 2023, por meio de um questionário do Google (Google Forms) elaborado pela pesquisadora, contendo cinco questões de caracterização dos informantes e nove questões que atendem aos objetivos do estudo.. O trabalho teve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Univates (COEP/Univates), sob parecer 6.269.425.

A análise dos dados ocorreu em duas etapas, na primeira etapa foram analisadas as informações com recursos do Software Excel, formando um banco de dados. A segunda etapa foi realizada a análise das respostas conforme Análise de Conteúdo de Bardin (2016), sendo construído categorias temáticas tais quais: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na primeira fase, a pré-análise, organiza-se todo o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. A segunda fase, a de exploração do material, consiste na definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registro e a última fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação destinada ao tratamento dos resultados (Bardin, 2016).

3. Resultados

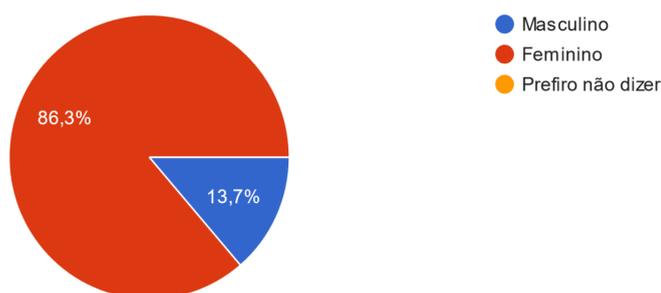
Participaram do estudo 102 acadêmicos com idade entre 18 e 37 anos, matriculados em diferentes cursos de nível superior: saúde, humanas e exatas, nos turnos matutino e noturno. A idade de maior prevalência foi representada por 55 estudantes com 18 a 22 anos (53,9%), seguida por 32 estudantes de 23 a 27 anos (31,4%), seis estudantes de 28 a 32 anos (5,9%), cinco (4,9%) estudantes com idade de 33 a 37 anos e quatro (3,9%) estudantes com idade maior de 38 anos, conforme a Figura 1.

Figura 1: Idade dos estudantes universitários.



Fonte: Autoras, 2023.

Em relação ao gênero, 88 (86,3%) referiram gênero feminino e 14 (13,7%) referiram gênero masculino.



Fonte: Autoras, 2023.

O turno de frequência na universidade foi representado por 66 (64,7%) estudantes matriculados no noturno e 36 (35,3%) estudantes no matutino. Já o estado civil dos estudantes prevaleceu solteiro sendo 82,4% dos informantes, representando 84 estudantes, seguido de 13 (12,7%) em união estável e cinco (4,9%) casados.

Os estudantes do curso de enfermagem representaram a maior participação na pesquisa, 27 (26,5%) estudantes, seguido do curso de psicologia com 19 (18,6%), conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição dos estudantes por curso.

Variável - Curso	n	%
Biomedicina	6	5,9%
Ciências Contábeis	2	1,9%
Direito	1	1%
Educação Física (Licenciatura e Bacharelado)	3	2,9%
Enfermagem	27	26,5
Engenharia da Computação	1	1%

Engenharia de Software	4	3,9%
Estética e Cosmética	8	7,9%
Farmácia	5	4,9%
Fisioterapia	4	3,9%
Medicina	11	10,8%
Nutrição	4	3,9%
Odontologia	7	6,9%
Psicologia	19	18,6%
Total	102	100%

Fonte: Autoras, 2023.

O início da vida sexual dos estudantes foi relatado na maioria com idade de 16 a 19 anos representado por 51% que referiram a primeira relação sexual nessa faixa etária, conforme a Tabela 2. Em relação a manter uma vida sexual ativa, 93 (91,2%) responderam que sim e 9 (8,8%) que não possuem vida sexual ativa.

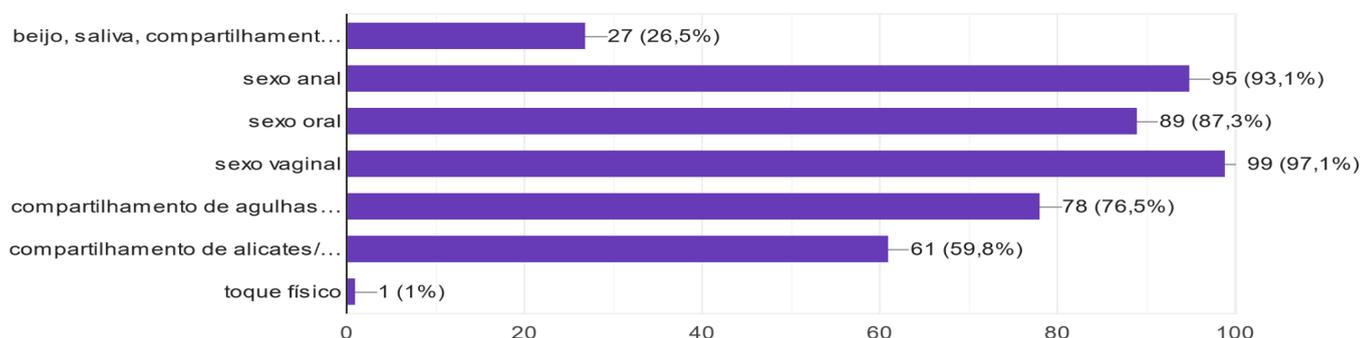
Tabela 2: Distribuição dos estudantes por idade de início da vida sexual.

Variável - idade	n	%
12 a 15 anos	42	41,1%
16 a 19 anos	52	51%
20 a 24 anos	8	7,9%
Total	102	100%

Fonte: Autoras, 2023.

Na sequência, quando questionados sobre saber o que é uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST), 101 (99%) estudantes afirmaram que sabem o significado e 1 (1%) referiu que não. Ao serem questionados quais as situações pode contrair uma IST, a maior resposta foi para o sexo vaginal (97,1%), seguido do sexo anal (93,1%), sexo oral (87,3%), compartilhamentos de agulhas (76,5%) e alicates (59,8%). Importante destacar que houve um significativo número de informantes para o item beijo, saliva e compartilhamento de talheres, representando 26,5% de respostas, ou seja, 27 informantes referiram que estas são vias de transmissão de IST. Conforme podemos observar no gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1: Situações em que é possível contrair uma infecção sexualmente transmissível de acordo com estudantes universitários.

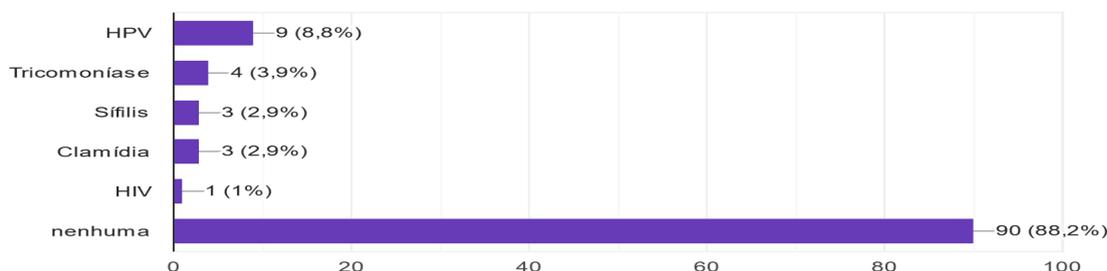


Fonte: Autoras, 2023.

A realização de teste rápido para identificação de IST foi informado positivamente por 68 (66,7%) dos estudantes e que nunca realizaram por 34 (33,3%) destes. O diagnóstico de IST foi referido por 11 (10,8%) estudantes que já tiveram e que nunca tiveram 91 (89,2%). Podemos observar no gráfico 2, o tipo de IST dos estudantes que já tiveram esse diagnóstico:

Gráfico 2: Infecção sexualmente transmissível em estudantes universitários.

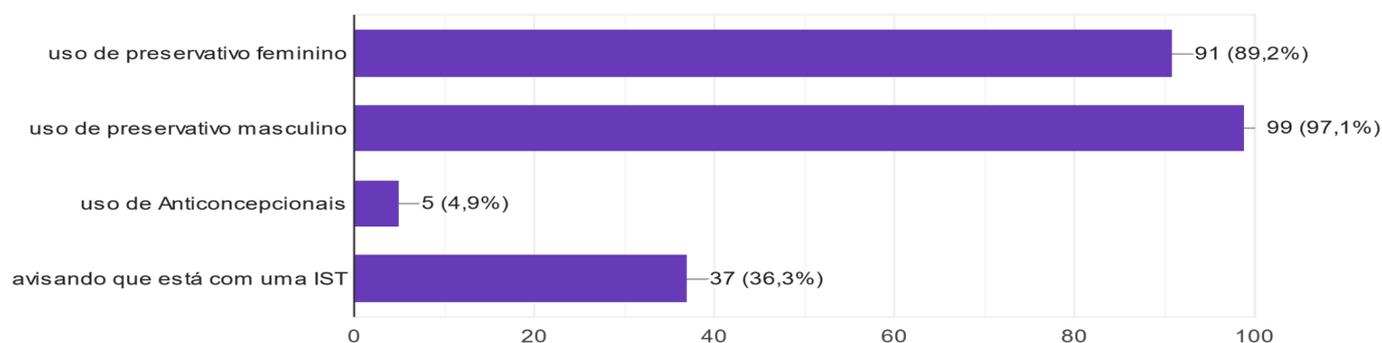
IST que já teve:
102 respostas



Fonte: Autoras, 2023.

A prevenção de IST foi destacada por meio da utilização do preservativo masculino (97,1%) e feminino (89,2%), conforme o Gráfico 3, podemos observar o uso de Anticoncepcionais foi escolhido por cinco (4,9%) estudantes, bem como avisar que está com a IST é uma forma de prevenção. Quanto ao uso de preservativo 69 (67,6%) disseram usar e 33 (32,4%) não fazer uso de preservativo na relação sexual.

Gráfico 3: Prevenção de infecção sexualmente transmissível de acordo com estudantes universitários.



Fonte: Autoras, 2023.

Considerando as respostas negativas ao uso do preservativo, os estudantes foram questionados sobre o porque do não uso de preservativo nas relações sexuais, sendo que dos 33 (32,4%) que referiram não fazer uso, 30 (29,4%) responderam os motivos pelos quais não fazem uso, sendo o principal motivo ter um parceiro fixo, conforme as falas abaixo:

Parceiro fixo

Possuo parceiro fixo. Fazemos teste rápido a cada 6 meses por sermos doadores de sangue.

Mantenho um relacionamento de longa data, monogâmico (a princípio é esse o acordo e o esperado) e fazemos teste de ist anualmente.

Parceiro fixo.

Parceira estável e sem IST.

No momento tenho uma relação com uma pessoa a um período, tenho uma relação sincera com essa pessoa, eu e ela fazemos exames antes e depois de se conhecer, acredito que posso confiar nela. Agora, caso pararmos de nos falar e eu encontrar uma nova parceira, irei usar preservativo.

Único parceiro sexual, de um relacionamento longo.

Relação estável de longo tempo.

Porque com meu marido nunca usei.

Desconforto na relação e por ter um parceiro fixo.

Pois eu e meu parceiro realizamos exames a cada 6 meses.

Somente tenho relações sexuais com uma única pessoa (namorada).

Único parceiro um do outro no relacionamento.

tenho parceiro fixo há muito tempo

Namoro a mesma pessoa há 3 anos e uso DIU.

Relacionamento fechado.

Meu namorado é trans, e ele também fez teste para ISTs e identificou que não tem nenhuma, como ele é meu único parceiro sexual, me sinto segura em relações sem camisinha.

Porque tenho DIU e tenho relação somente com o meu parceiro.

Ainda, algumas respostas elucidaram questões referente a acordar com o parceiro o uso do preservativo, nas relações homossexuais entre mulheres o não uso justificado pela ausência de risco de gravidez, desconforto e referente ao tamanho dos preservativos disponíveis no mercado, conforme falas abaixo:

Acordo com parceiro.

Tenho relações sexuais lésbicas e o uso de preservativos para esse tipo de relação é mais escasso, talvez por não ter o risco de gravidez acabamos “relaxando” quanto a isso. Além de sempre certificar que a mulher com a qual vou me relacionar não possui nenhuma IST.

Minha resposta foi sim, mas na verdade entendo que deveria ter uma opção "às vezes" ou em escala lickert.... Eu sempre tento usar preservativo, mas sinto que tenho dificuldade de lubrificação e sem usar preservativo sinto mais prazer. Além disso, percebi que homens com pênis menor ou com pouca circunferência, não querem usar camisinha (acredito que seria interessante comercialmente ter camisinhas com tamanho, mas não de forma explícita, para que os homens não sintam-se constrangidos, já que isso é um assunto delicado e que afeta a auto estima masculina).

Comodidade

Existem poucas ferramentas de proteção para o sexo entre duas mulheres.

Acho desconfortável

Como há uso de anticoncepcional, o uso de preservativo não ocorre (apenas para contracepção, não considerando a transmissão de IST).

4. Discussão

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) são provocadas por vírus, bactérias e outros microrganismos, tais como o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), Papiloma Vírus Humano (HPV), hepatites virais, sífilis, gonorreia, herpes genital, tricomoníase. Essas infecções estão presentes desde a época medieval, em que as condições sanitárias eram de baixa higiene e sanitização. Contudo, ao longo dos anos, a epidemiologia se desenvolveu e assumiu na sociedade o papel de estudar novos casos e novas formas de desenvolver práticas de prevenção e controle das IST (GONDIN, 2015).

As IST são transmitidas por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de preservativos, tanto masculino como feminino, com uma pessoa que esteja infectada. A transmissão de uma IST pode acontecer, ainda, da mãe para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação. Outra forma de transmissão das IST é de forma não sexual, pelo contato de mucosas ou pele não íntegra com secreções corporais contaminadas (MS, 2023).

No momento em que se fala de educação sexual no Brasil e no mundo, percebe-se o graúdo déficit de conhecimento sobre o assunto, principalmente, nos serviços de saúde. Uma vez que, dentro desses serviços, existe um considerável grau de desvalorização sobre o tema, sendo necessário reformular o processo de trabalho e adaptar novos recursos educativos (BARBOSA, 2010).

Neste sentido, através do Decreto n.º 8.901/2016 foi publicada no Diário Oficial da União em 11.11.2016, a alteração do uso da terminologia *Doença Sexualmente Transmissível (DST)* foi alterada para a terminologia *Infeção Sexualmente Transmissível - IST*. Na publicação o uso da letra ‘D’ refere-se a palavra “doença”, que demonstra sintomas e sinais visíveis no organismo do indivíduo, com a alteração a letra “I” vem da palavra “infecções”, que podem ser temporariamente ou permanentemente assintomáticas. Deste modo a modificação contribui para a melhor compreensão da patologia e colabora para uma melhor disseminação do conhecimento entre a população (MINISTÉRIO DA SAÚDE, BRASIL 2016).

As infecções sexualmente transmissíveis ainda são um tabu em toda a sociedade, especialmente no Brasil, pois pouco se ouve falar em educação sexual, sendo ainda visto como um assunto de mau entendimento e preconceito, e por isso, é cada vez mais difícil abordar este tema com os adolescentes, principalmente por se sentirem envergonhados e inseguros para exporem suas dúvidas relacionados às relações sexuais, seja por medo, vergonha ou até mesmo por falta de confiança em abordar o assunto (SILVA, 2021)

Sendo assim, o acolhimento seguro é muito importante nessa fase da adolescência, principalmente pelos profissionais da saúde na atenção básica, que de alguma forma precisam ter a confiança desses adolescentes e incluírem educação sexual em suas consultas médicas (ZIMMERMANN, 2021). Com a falta de informações e conhecimento adequado relacionado ao assunto, os jovens iniciam a vida sexual sem tal conhecimento e sem saber as consequências e riscos que pode vir os acometer. Informações efetivas como o uso adequado do preservativo, de métodos contraceptivos orais e injetáveis e a identificação dos primeiros sinais e sintomas de IST, entre outros fatores associados, podem ser primordiais para o início da vida sexual segura entre os adolescentes (CIRIACO, 2019).

As ocorrências por IST são consideradas uma adversidade na saúde pública e o seu progressivo aumento vem afetando a qualidade da entrega de serviço dos órgãos de saúde. A OMS (2019) afirma que mais de um milhão de novos casos de IST surgem diariamente, e segundo os dados divulgados pela entidade, é equivalente a mais de 376 milhões de novos casos por ano, que dividem-se em quatro tipos de IST: clamídia, gonorreia, tricomoníase e sífilis. Em média, 01 em cada 25 pessoas no mundo tem uma dessas IST. A ampla e correta educação relacionada à vida sexual na adolescência é uma solução que pode contribuir para redução dos problemas associados à iniciação da vida sexual ativa, e por consequência pessoal e social. Com base neste cenário, é válido ressaltar o papel fundamental da escola na educação sexual, visto ser esse o ambiente que concentra o maior número de adolescentes e representa o local adequado para a aprendizagem, não apenas da anatomia e da fisiologia do corpo humano, mas também para as formas de prevenção das IST (NERY JAC, 2015).

Com base nos estudos de revisão epidemiológica, para redução e prevenção de IST, os profissionais de enfermagem possuem um papel muito importante e representam uma maior relevância para atuar no ambiente escolar, proporcionando ações educativas em saúde de uma forma confiante e segura. Assim, ocorre a entrada da educação e conhecimento da patologia de forma livre de superstições, segurando os princípios do SUS, promovendo a qualidade de vida, cidadania e equidade (SANTOS LF, 2021).

A vulnerabilidade dos jovens está associada às questões socioeconômicas, bem como baixa escolaridade e baixo poder aquisitivo, associada a não utilização de preservativos e o início precoce das atividades sexuais (ARAÚJO TME, 2012). Os profissionais de enfermagem têm papel importante no desenvolvimento de ações preventivas que tem como intuito melhorar o conhecimento que envolvam a temática “saúde” e que colaboram para a obtenção de hábitos mais saudáveis, estimulando o indivíduo ao seu próprio cuidado em relação às IST (RENOVATO RD, 2010). A prática

sexual sem proteção e o acometimento pelas IST podem causar grande reverberação na saúde da mulher, como a infertilidade e também câncer do colo do útero (CCU), que está interligado à infecção pelo papiloma vírus humano (HPV). Neste cenário, foram considerados para o biênio 2016-2017, no Brasil, cerca de 15,85 casos novos do CCU para cada 100 mil mulheres, evidenciando a alta incidência da doença e a consequência para o sistema público de saúde (INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (BR, 2015).

Jovens que possuem sapiência não a utilizam em sua prática cotidiana (GARBIN CAS, 2010). A invulnerabilidade, ao estabelecimento de um relacionamento estável e ao uso de métodos contraceptivos, dentre outros fatores. Apesar do acesso à educação, de informações e do saber, não pressupõe alteração de atitudes sobre IST e são facilitadores das mudanças no comportamento sexual reduzindo a fragilidade a estas infecções (COSTA ACPJ, 2013) .

As IST podem se manifestar de várias formas, através de feridas, corrimentos e verrugas anogenitais, entre outros possíveis sintomas, como dor pélvica, ardência ao urinar, lesões de pele e aumento de ínguas. Tais infecções acometem principalmente os órgãos genitais, mas podem aparecer em outras partes do corpo como na palma das mãos, olhos e língua. O corpo deve ser observado ao decorrer da higiene pessoal, o que pode ser fundamental para identificar uma IST em estágio inicial. Sempre que notar algum sinal ou algum sintoma, deve-se procurar o serviço de saúde, independentemente de quando foi a última relação sexual. Algumas das IST podem não manifestar sinais e sintomas. Por conta disso, ressalta-se a importância da realização de exames laboratoriais para verificar se houve contato com alguma pessoa que tenha IST, após ter relação sexual desprotegida – sem camisinha masculina ou feminina (MS, 2022).

A forma de prevenção das IST é o uso de camisinha (masculina ou feminina) em todas as relações sexuais (orais, anais e vaginais) que é eficaz para evitar a transmissão das IST e também na prevenção de gravidez. Vale lembrar que existem vários métodos para evitar uma possível gravidez, todavia, o único método com eficácia para prevenção de IST é o preservativo (masculino ou feminino). Orienta-se, sempre que for possível, fazer uso de outro meio de proteção, além do uso de preservativos, utilizar outro método contraceptivo de escolha, seja DIU, anticoncepcional, entre outros métodos contraceptivos (MS, 2022).

Habitualmente, o termo “sexo seguro” é associado ao uso privativo de preservativos. Entretanto, por mais que os preservativos sejam uma estratégia fundamental a ser sempre estimulada, o seu uso possui algumas fraquezas. Por isso existem outras medidas de prevenção que são importantes e complementares para uma prática sexual segura, como por exemplo: Usar preservativo; Imunizar para HAV, HBV e HPV; Conhecer o status sorológico para HIV da(s) parceria(s) sexual(is); Testar regularmente para HIV e outras IST; Tratar todas as pessoas vivendo com HIV – PVHIV (Tratamento como Prevenção e I=Ia); Realizar exame preventivo de câncer de colo do útero (colpocitologia oncológica); Realizar profilaxia pré-exposição – PrEP, quando indicado; Conhecer e ter acesso aos métodos de anticoncepção e concepção; Realizar profilaxia pós-exposição – PEP, quando indicado. Por isso, torna-se essencial ampliar as possibilidades de prevenção e tornar o cenário mais completo e efetivo (BRASIL, 2021).

Neste sentido, todo sujeito que tiver relação sexual desprotegida pode contrair uma IST. Não importa qual seja a idade, estado civil, classe social, identidade de gênero, orientação sexual, credo ou religião. A pessoa pode aparentar estar saudável, mas pode estar infectada por alguma IST. Por isso, preconiza-se o “sexo seguro” que é o mecanismo para a prevenção das infecções sexualmente transmissíveis e aos danos que elas podem causar a saúde do indivíduos (BRASIL, 2022).

Em relação ao índice da Figura 1: Idade dos estudantes universitários, nota-se que estudantes universitários com idade entre 18 e 22 anos são os mais expostos e vulneráveis a ISTs pelo não uso de preservativos como forma de

prevenção de ISTs. Observou-se que 86,3% de respostas foram de estudantes do gênero feminino e 13,7% do gênero masculino, o que evidencia que mulheres são mais preocupadas e interessadas diante do assunto em questão do que pessoas do gênero masculino.

Acerca do início da vida sexual, constatou-se que a maior parte dos jovens universitários iniciou a vida sexual precocemente, obtivemos o resultado de 52 jovens, o equivalente a 51% de idade entre 16 a 19. Segundo O'Hara RE (2012) a exposição precoce a cenas eróticas pode promover o comportamento sexual de risco, incentivar a busca por sensações sexuais precoces, múltiplos parceiros sexuais, uso inconsistente do preservativo, podendo também antecipar a iniciação sexual e de acordo com estudo realizado por Sanchez ZM (2013) as implicações da sexarca precoce se referem ao maior risco de relações sexuais desprotegidas e uso inconsistente de métodos anticoncepcionais. Com base nas estatísticas do presente estudo, as formas de transmissão das ISTs, 26,5% respondeu que é transmitido através do beijo, saliva e compartilhamento de talheres, nota-se que existe um grande déficit de conhecimento em relação às formas de transmissão das ISTs. No gráfico 2, 11 participantes, o equivalente a 10,80% dos estudantes participantes da pesquisa, responderam ter contraído uma IST, o que consideramos ser um índice bastante elevado de acordo com o número de participantes.

O Ministério da Saúde (MS, 2023), divulgou um Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente (SVSA) de 2022, referente aos dados do estado do Rio Grande do Sul, foram notificados 1.245 novos casos de HIV, o maior número entre os 2.690 da região Sul. Enquanto que a nível nacional, foram 16.703 novos diagnósticos positivos no mesmo ano, descobertas importantes para a saúde das pessoas com o vírus. A infecção pelo vírus do HIV, quando não tratada, pode evoluir para a doença Aids, esta que acomete sistema imunológico e pode levar à morte.

Os números de jovens infectados por IST vem aumentando cada vez mais, devido a falta de informações relacionadas às Infecções Sexualmente Transmissíveis, ou como relatado pelos alunos, existe o conhecimento sobre os riscos da relação sexual desprotegida mas é negligenciado, ou seja, não fazem o uso devido a estarem o mesmo parceiro a anos, ou por terem parceiros fixos, uma das respostas da não adoção do preservativo foi por fazer o uso do DIU. Também teve 37 estudantes, equivalente a 36,3% respostas onde para a “não transmissão” de IST seria avisando o parceiro que está infectado por uma IST. Os jovens que afirmam conhecer sobre as ISTs, ainda relatam que se submetem a comportamentos de risco para transmissão, pois a preocupação maior é com a hipótese de uma gravidez indesejada.

5. Conclusão

O presente estudo constatou que o entendimento dos jovens sobre as ISTs ainda é restrito, de modo que as ações de risco para a transmissão das ISTs foram explícitas entre os estudantes da faixa etária de 18 a 22 anos da universidade. O aumento dos índices de ISTs está relacionado com a falta de conhecimento em relação à importância do uso do preservativo em relação a transmissão das ISTs. Percebe-se que ainda é um tabu na sociedade, principalmente entre os jovens universitários, a abordagem da temática em discussão, pois pouco é falado sobre este tema.

Diante do exposto, a vulnerabilidade do público juvenil é relativamente ligada com falta de debates sobre a sexualidade e a prevenção de ISTs no âmbito universitário, uma vez que deveriam destinar maior atenção a essa área desde o ensino básico até a educação superior. Portanto, sugere-se o preparo de educadores para serem inseridos nas universidades com o intuito de estar aberto a conversações e também a implementarem ações para a

prevenção das infecções. Conclui-se que nem todos os jovens tem conhecimento em relação às formas de transmissão das IST's, e os que têm esse conhecimento muitas vezes não fazem o uso do método de prevenção (preservativos), pois não sabem os riscos impactos complexos na vida do indivíduo que contrai uma infecção pode vir a ter.

Referências

Almeida RAAS, Corrêa RGCF, Rolim ILTP, Hora JM, Linard AG, Coutinho NPS, et al. Knowledge of adolescents regarding sexually transmitted infections and pregnancy. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2017;70(5):1033-9. [Thematic Edition “Good practices and fundamentals of Nursing work in the construction of a democratic society”] DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531>. Acesso em 09 de abril de 2023.

Anna Nery 2018;22. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/5HqmrYZPWj4yPFnPts9mSsH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 de abril de 2023.

AZEVEDO, L. C. M. de M. .; COSTA, M. de O. The importance of STIs awareness in adolescence and how nursing can contribute to the reduction of these infections. *Research, Society and Development, [S. l.]*, v. 10, n. 13, p. e343101321393, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i13.21393. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/21393>. Acesso em: 21 may. 2023.

Brasil. Ministério da Saúde (MS), 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/ms-divulga-publicacao-sobre-pesquisas-em-ists-hiv-aids-e-hepatites-virais-no-brasil>. Acesso em 09 de novembro de 2023.

Buggin ASR, Souza CR, Lopes MGM. Manifestações bucais de infecções sexualmente transmissíveis. *Anais do 22º Simpósio de TCC do Centro Universitário ICESP*. 2021(22); 1621-1629. Disponível em: http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/a8e90eebfaa401d283362213a6c63cd2.pdf. Acesso em 18 de maio de 2023.

DE SOUSA ALVES, L. .; SARAIVA AGUIAR, R. . Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: Uma revisão integrativa. *Nursing (São Paulo), [S. l.]*, v. 23, n. 263, p. 3683–3687, 2020. DOI: 10.36489/nursing.2020v23i263p3683-3687. Disponível em: <https://revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/660>. Acesso em: 21 maio. 2023.

ELIAS, Thaís Cristina et al. Conhecimento de alunas de uma universidade federal sobre doenças sexualmente transmissíveis [Female federal university's students' knowledge of sexually transmitted diseases]. *Revista Enfermagem UERJ, [S.l.]*, v. 25, p. e10841, abr. 2017. ISSN 2764-6149. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/10841>>. Acesso em: 03 de março 2023. doi:<https://doi.org/10.12957/reuerj.2017.10841>.

FONTE, Vinicius Rodrigues Fernandes et al. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente

transmissíveis (Young university students and the knowledge about sexually transmitted infections Jóvenes universitarios y el conocimiento sobre las infecciones por transmisión sexual). Esc

Lima GS, Souza LV, Farias MR, Caldeira AG, Aoyama EA. Conhecimento dos adolescentes com relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis. Rev Bras Interdiscip Saúde - ReBIS. 2022; 4(3):12-9. Disponível em: <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/381/222>. Acesso em 15 de maio de 2023.

LUCIA ALVES DA SILVA LARA, CARMITA HELENA NAJJAR ABDO, Aspectos da atividade sexual precoce, 202 Rev Bras Ginecol Obstet. 2015; 37(5):199-202. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgo/a/vmgqzWKSWMJpDJghbWYjNxf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 09 de novembro de 2023.

Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis (IST) [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2020 [citado 2020 ago 31]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-atencao-integral-pessoas-com-infeccoes>. Acesso em 10 de maio de 2023.

Organização Pan-Americana da Saúde, OMS, 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/6-6-2019-cada-dia-ha-1-milhao-novos-casos-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-cu-raveis>. Acesso em 09 de março de 2023.

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES. Lajeado, RS: Univates, 2023. Disponível em: https://univates.br/vestibular/?orig=vestga2023B&utm_source=google_ads&utm_medium=pesquisa&utm_campaign=Vestibular-2023B&gclid=Cj0KCQjw0tKiBhC6ARIsAAOXutnfMrhkUbV88fkN0ZcwGRFWA5MiaOrV444leu9rNoHj8x_qFGIEuJQaAsmhEALw_wcB. Acesso em 05 de junho de 2023.

World Health Organization - WHO. Global health sector strategy on sexually transmitted infections 2016-2021: towards ending STIs [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2016 [cited 2020 Jun 08]. 64p. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/250253/WHO-RHR-16.09-spa.pdf;jsessionid=50EC035F2937217ED7E54D126CDF3784?sequence=>. Acesso em 09 de março de 2023.

Diretrizes para Autores Revista Research, Society and Development

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/about/submissions>

1) Estrutura do texto:

- Título em Português, Inglês e Espanhol.
- Os autores do artigo (devem ser colocados nesta sequência: nome, ORCID, instituição, e-mail). OBS.: O número do ORCID é individual para cada autor, e ele é necessário para o registro no DOI, e em caso de erro, não é possível realizar o registro no DOI).
- Resumo e Palavras-chave em português, inglês e espanhol (o resumo deve conter objetivo do artigo, metodologia, resultados e conclusão do estudo. Deve ter entre 150 a 250 palavras);
- Corpo do texto (deve conter as seções: 1. Introdução, na qual haja contextualização, problema estudado e objetivo do artigo; 2. Metodologia utilizada no estudo, bem como autores de suporte a metodologia; 3. Resultados (ou alternativamente, 3. Resultados e Discussão, renumerando os demais subitens); 4. Discussão e, 5. Considerações finais ou Conclusão);
- Referências: (Autores, o artigo deve ter no mínimo 20 referências as mais atuais possíveis. Tanto a citação no texto, quanto no item de Referências, utilizar o estilo de formatação da APA - American Psychological Association. As referências devem ser completas e atualizadas. Colocadas em ordem alfabética crescente, pelo sobrenome do primeiro autor da referência. Não devem ser numeradas. Devem ser colocadas em tamanho 8 e espaçamento 1,0, separadas uma das outras por um espaço em branco).

2) Layout:

- Formato Word (.doc);
- Escrito em espaço 1,5 cm, utilizando Times New Roman fonte 10, em formato A4 e as margens do texto deverão ser inferior, superior, direita e esquerda de 1,5 cm.;
- Recuos são feitos na régua do editor de texto (não pela tecla TAB);
- Os artigos científicos devem ter mais de 5 páginas.

3) Figuras:

O uso de imagens, tabelas e as ilustrações deve seguir o bom senso e, preferencialmente, a ética e axiologia da comunidade científica que discute os temas do manuscrito. Obs: o tamanho máximo do arquivo a ser submetido é de 10 MB (10 mega).

As figuras, tabelas, quadros etc. (devem ter sua chamada no texto antes de serem inseridas. Após a sua inserção, deve constar a fonte (de onde vem a figura ou tabela...) e um parágrafo de comentário no qual se diga o que o leitor deve observar de importante neste recurso. As figuras, tabelas e quadros... devem ser numeradas em ordem crescente. Os títulos das tabelas, figuras ou quadros devem ser colocados na parte superior e as fontes na parte inferior.

4) Autoria:

O arquivo em word enviado (anexado) no momento da submissão NÃO deve ter os nomes dos autores.

Todos os autores precisam ser incluídos apenas no sistema da revista e na versão final do artigo (após análise dos pareceristas da revista). Os autores devem ser registrados apenas nos metadados e na versão final do artigo (artigo final dentro do template) em ordem de importância e contribuição na construção do texto. OBS.: Autores escrevam o nome dos autores com a grafia correta e sem abreviaturas no início e final deste artigo e também no sistema da revista.

O artigo pode ter no máximo 7 autores. Para casos excepcionais é necessário consulta prévia à Equipe da Revista.

5) Comitê de Ética e Pesquisa:

Pesquisas envolvendo seres humanos devem apresentar aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa.

6) Vídeos tutoriais:

- Cadastro de novo usuário: <https://youtu.be/udVFytOmZ3M>
- Passo a passo da submissão do artigo no sistema da revista: <https://youtu.be/OKGdHs7b2Tc>

7) Exemplo de referências em APA:

- Artigo em periódico:

Gohn, M. G. & Hom, C. S. (2008). Abordagens Teóricas no Estudo dos Movimentos Sociais na América Latina. *Caderno CRH*, 21(54), 439-455.

- Livro:

Ganga, G. M. D.; Soma, T. S. & Hoh, G. D. (2012). *Trabalho de conclusão de curso (TCC) na engenharia de produção*. Atlas.

- Página da internet:

Amoroso, D. (2016). *O que é Web 2.0?* <http://www.tecmundo.com.br/web/183-o-que-e-web-2-0->

8) A revista publica artigos originais e inéditos que não estejam postulados simultaneamente em outras revistas ou órgãos editoriais.

9) Dúvidas: Quaisquer dúvidas envie um e-mail para rsd.articles@gmail.com ou dorlivete.rsd@gmail.com ou WhatsApp (55-11-98679-6000)